

Escombros: desenterrando a história das demolições

Rebeca Grilo de Sousa

rebecagrilo.s@gmail.com

Linha de Pesquisa: História da Arquitetura, do Urbanismo e do Território

INTRODUÇÃO

Processos de modernização urbana caminham amiúde lado a lado a eventos de destruição. Casos emblemáticos de reforma urbana trazem em seu prólogo processos de destruição de parte do acervo construído, como o viveiro do Jardim de Luxemburgo, que deu lugar a um dos boulevares da Paris haussmanniana; as antigas muralhas da Viena medieval que deram lugar a *Ringstrasse* e, num contexto mais próximo, o Morro do Castelo, desmontado nas reformas da urbe carioca nas primeiras décadas do século XX. Seja como uma tábula rasa ou com ações pontuais, as demolições empreendidas colocam em cheque parte da memória urbana, ao eliminar elementos que compunham a narrativa da cidade, seus anais de pedra serão “[...] os materiais da metrópole antiga virão servir a glória da metrópole moderna.”ⁱ

Intenta-se, assim, apresentar uma nova leitura para os eventos de destruição ocorridos nas cidades. Partindo do pressuposto criado por Sandra Pesavento (2004b, p.50) que sustenta que “o historiador pretende reconstruir o passado [...], mas o que constrói pela narrativa é um terceiro tempo, situado nem no passado do acontecido nem no presente da escritura”. Entende-se que ao identificar nesses episódios as representações sobre as demolições empreendidas no tecido urbano e, também, fazer delas o substrato para reconhecer as sensibilidades emergidas nestes episódios, colabora-se para a História Cultural Urbana das cidades brasileiras.

OBJETIVOS

Explicar, sinteticamente, os conceitos de representações e sensibilidades, bem como um dos

caminhos de análise possíveis para o uso destas chaves de leitura dentro da História Cultural Urbana.

MÉTODO

Para a elaboração deste resumo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para a composição da abordagem teórica, tendo como ponto de partida escritos dos autores Sandra J. Pesavento, Adrian Gorelik e Carlo Ginzburg.

DESENVOLVIMENTO

Representações e Sensibilidades: leituras sobre a cidade

1

Se compreendermos a urbe como um lugar simbólico, onde a história se materializa e se torna palco de criações, texto e discurso, temos que “a cidade atravessa as ciências humanas e fecunda artes e letras, como questão (o que é cidade?) e como problema (por que a cidade?)” (DUCHET apud MACHADO, 2001). Deste modo, esta seção do artigo visa propiciar a criação de um roteiro de leitura capaz de articular os diferentes documentos de pesquisa: romances, crônicas e textos jornalísticos – todos estes com temas vinculados à perspectiva da história cultural urbana e à dimensão material da cidade.

Representações: percepções da realidade

As representações são, de acordo com Sandra Pesavento (2004a, p.39-41), construções sobre o mundo, que possibilitam aos indivíduos a percepção da realidade, sua inserção nesta e, conseqüentemente, a suas reflexões sobre ela; a partir delas são geradas condutas e práticas sociais, tendo em vista sua capacidade de “mobilização e de produzir reconhecimento e



legitimidade social”. Para a historiografia e para a compreensão da formação e/ou uso de imagens é necessário relacionar a discussão do conceito de representação ao de lugar-comum e fundo-comum. O lugar-comum, segundo Maria Stella Bresciani (2001), pode ser palavras, crenças, opiniões ou até mesmo preconceitos cuja compreensão é imediata do ponto de vista da coletividade, o lugar-comum seria a imagem resultante que parte de um fundo-comum, o substrato físico, político e social em que esta coletividade se insere (D’ALONNES apud DANTAS, 2009, p. 36-37 – nota 38).

Contudo, apesar de emergirem de um mesmo fundo, as representações não são, necessariamente, homogêneas. A investigação das representações sobre a cidade implicam em “[...]deslindar uma trama muitas vezes emaranhada e difusa em várias matizes do pensamento e de tradições intelectuais e profissionais [...], seus lugares-comuns, seus pontos de convergência e de dissensão, suas lógicas narrativas.” (DANTAS, 2009, p.37). Quando há uma consonância entre as representações de determinados grupos sociais (lugares-comuns) tem-se aí os imaginários destes grupos acerca da realidade (ou da sociedade como um todo caso apenas os discursos oficiais estejam sendo considerados), os imaginários são resultado da realidade ao mesmo tempo em que atuam sobre ela.

Sandra Pesavento (2004a, p.47), afirmava que o imaginário se dividia em dois aspectos: um reportava a realidade e o outro ao campo do onírico, sendo ambos construtores do que chamamos de “real”. Estes aspectos descritos por Pesavento são decompostos em imaginário e imaginação por Adrián Gorelik em seu texto “Imaginarios urbanos e imaginación urbana”: enquanto imaginários urbanos são uma reflexão cultural sobre como as sociedades se representam nas cidades e constroem seus modos de comunicação e compreensão da vida urbana (aspectos objetivos); a imaginação urbana é a articulação dos aspectos políticos e técnicos que apontam como a cidade deveria ser (aspectos subjetivos) (GORELIK, 2004, p. 01).

O estudo de Kevin Kearns em seu artigo *Preservation and Transformation in Georgian Dublin*, ajuda a compreender essas relações: ao tomar como objeto os

debates ocorridos em Dublin entre as décadas de 20 e 30, momento em que os nacionalistas irlandeses começam a fazer uma campanha para que os edifícios remanescentes da ocupação inglesa sejam demolidos. Kearns identifica o *imaginário urbano* dos nacionalistas – as edificações georgianas não teriam lugar pois remetiam a um passado opressor que deveria ser esquecido e substituído por uma arquitetura que representasse as raízes irlandesas: a arquitetura Gaélica. Os nacionalistas viam produção arquitetônica do período georgiano como um “transplante” da Inglaterra para Irlanda. Contudo, o artigo aponta que haviam evidências que as edificações georgianas foram criadas por arquitetos, construtores e artesãos irlandeses, bem como também eram irlandeses os materiais empregados, o que colocaria o argumento dos nacionalistas em cheque (KEARNS, 1982, p. 273).

A construção das sensibilidades

Ao investigar a mudança de sensibilidade acerca do uso da praia como balneário, Alain Courbin (1989, p.7) explica que “não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado seus olhares, vivendo suas emoções”. A história das sensibilidades se volta para os primeiros indícios de percepção e sentimentos, considerando as condições em que eles foram formados, experienciados e representados no passado (WICKBERG, 2007, p.662). Estes sentimentos compõem o imaginário social e são parte fundamental das representações da realidade (PESAVENTO, 2004a, p.4). Diante das transformações urbanas ocorridas a partir do século XIX, os cidadãos se veem as voltas de novas sensações e sentimentos, Maria Stella Bresciani (1991, p. 12) atesta que esta é uma das “portas”ⁱⁱ para se compreender as transformações que ocorreram na urbe e o que estas ocasionaram na sociedade.ⁱⁱⁱ

A diferenciação entre representações e sensibilidades pode ser entendida no estudo feito por Vera Lins, *Um crítico de arte nas ruas do Rio*, ao apresentar algumas crônicas do artista plástico Gonzaga Duque sobre as transformações urbanas iniciadas à época da gestão de Pereira Passos. Das publicações do artista, Lins extrai as sensações e/ou sentimentos nas entrelinhas do discurso: Duque se mostrava a favor das melhorias na estrutura



urbana carioca, mas a leitura dos excertos postos no artigo associadas às leituras subjacentes da história do artista emergem sensibilidades dicotômicas em relação às demolições empreendidas na cidade – ora o entusiasmo e alegria na perspectiva dos novos ares e novos usos e práticas na urbe, ora despertam saudosismo, tristeza e espanto diante das memórias que estão se desfazendo as vistas do artista fossem pelo vínculo afetivo que possuía ou por entender que certas edificações representavam a urbe carioca ou por sua história ou por sua estética (LINS, s/d, p.5-10).

Para transformar os vestígios do passado em documentos passíveis de serem analisados é preciso “fazê-los falar”. Sem a formalização da análise, a apreciação dos documentos seriam apenas uma leitura oriunda de um “estranho país do passado” (LOWENTAL apud PESAVENTO, 2004b, p.63).

O paradigma indiciário estabelecido por Carlo Ginzburg em “Mitos, Emblemas e Sinais” (1991) parte do princípio que a realidade é opaca e que é por meio de certos pontos privilegiados – os indícios – que se torna possível decifrá-la. No caso do uso das representações, deve se ir além do que é dito, deve observar em suas subcamadas elementos que poderiam passar despercebidos – como as sensibilidades. Quando reunidas as pistas, parte-se para a análise delas em relação ao conjunto. No contexto de estudo das demolições, as “pistas” são compostas dos elementos que emergem lugares e fundos-comuns: os discursos e documentos oficiais acerca destes eventos, os aspectos políticos e econômicos vigentes que permitiram/endossaram os eventos de demolição e, por fim, os discursos de publicistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação às chaves de leitura *Representação e Sensibilidades* fomenta a elaboração de uma das seções do aporte teórico-metodológico da dissertação, composta também pelos conceitos de “Modernidade, modernização e modernismo” e “Memória dos Lugares”. A leitura das sensibilidades requer um olhar atento, mesmo inseridas nas representações que o pesquisador

utiliza, sua presença não é convenientemente visível, posto que a sensibilidade não advém de um processo racional do indivíduo acerca de sua realidade. Embora seja um pormenor capturado nas representações individuais, a relação de “retroalimentação” entre as sensibilidades, as representações e a realidade, corrobora com a tese que as duas primeiras podem se coletivizar, interferindo na terceira. O processo de coletivização destas sensibilidades e representações é percebido quando há uma situação-limite em curso na realidade, como processos de modernização urbana e as demolições do acervo construído que operam para tal.

AGRADECIMENTOS

A CAPES, pela bolsa concedida. Ao Grupo HCurb, pelo apoio e pelo material bibliográfico e documental. Ao Prof. George Dantas, orientador da dissertação em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRESCIANI, Maria Stella. Melhoramentos entre Intervenções e Projetos estéticos. In: _____ (org). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Editora Universitária UFRS, 2001.
- BILAC, Olavo. Chronica. **Jornal Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro: 05/11/1905. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=103730_04&pasta=ano%20190&pesq=Bilac>. Acesso em: 25/05/13.
- COURBIN, Alain. **Território do Vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DANTAS, George A. F. **A formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil**. 2009. 237p. Tese - Escola de Engenharia de São Carlos (EESC). São Carlos: Junho de 2009.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti; São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- GORELIK, Adrián. Imaginarios urbanos y imaginación urbana. Para um recorrido por los lugares comunes de los estudios culturales urbanos. In: _____. **Miradas sobre Buenos Aires, historia cultural y critica urbana**. Buenos Aires: 2004.



HARVEY, David. **Paris, capital of modernity**. Oxon (Great Britain): Routledge, 2006.

KEARNS, Kevin C. Preservation and Transformation of Georgian Dublin. **Geographical Review**. Vol. 72, nº 3. Julho de 1982. Pp.270-290

LINS, Vera. **Um crítico de arte nas ruas do Rio**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. s/d. Fonte: <<http://tinyurl.com/lz4ock3>>. Acesso em: 27/12/14.

MACHADO, Maria Salete Kern. O imaginário urbano. In: Brescianni (org). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Journnée d'Histoire des Sensibilités**. EHESS, Março de 2004(a). – Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>> acesso em 29/03/2014.

_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004 (b).

ⁱ Citação retirada de crônica de Olavo Bilac à época da primeira etapa do desmonte do Morro do Castelo no Rio de Janeiro, em 1905.

ⁱⁱ A “Porta” neste contexto faz alusão ao texto “As Sete Portas da Cidade”, em que Brescianni apresenta sete caminhos possíveis para a análise do urbano. A possibilidade apresentada no texto seria a 4ª porta descrita pela historiadora.

ⁱⁱⁱ Para compreender melhor algumas destas mudanças (na ordem em que foram citadas as mudanças no texto): Alain Corbin, em “O segredo do indivíduo” e Peter Gay em “Um teto todo seu”, Georges Vigarello em “O corpo trabalhado”, Michael Foucault em “Os Corpos Dóceis”, Roger-Henri Guerrand em “Espaços Privados” e Aleida Assmann em “Locais”.

